



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

## **MEMORIAL**

**CAMPINA GRANDE - 2011**

**PEDRO NICÁCIO SOUTO**

## **MEMORIAL**

Memorial apresentado à disciplina  
**Prática de Ensino de História na  
Escola de 1º e 2º Graus** do Curso  
de História da Universidade Federal  
de Campina Grande. Docente  
responsável: Dra. Eronides Camara  
de Araujo.

**NOVEMBRO - 2011**



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

## INTRODUÇÃO: TRONCO FAMILIAR

Areia,<sup>1</sup> aos vinte e nove dias do mês de junho, do ano de mil novecentos e oitenta e sete, nascia na Maternidade Fundação SESP, Pedro Nicácio Souto, uma criaturinha de cor preta, olhos castanhos, cabelos pretos; gordinho pesava três quilos e novecentos gramas, com cinquenta centímetros de comprimento. Penúltimo filho de um pai que possuiu treze filhos, sendo oito com minha mãe e cinco com outra esposa<sup>2</sup> que ele tivera antes de tê-la conhecido e ter se casado.

Meu pai, Luiz Gonzaga Souto (in memorian) tem origem na zona rural da cidade de Areia, seu pai Júlio Cavalcante Souto<sup>3</sup> era proprietário de uma pequena propriedade próxima a urbe citada. Tendo que trabalhar desde cedo em casa ajudando seu pai, não teve oportunidade de estudar, tinha que vender areia na cidade para construção, enchia burros e levava àquelas casas que estavam em reforma e encomendava o material.

Além disso, de poucos momentos em que ele teve acesso à escola, só brigava com seus colegas, assim não chegou a ser alfabetizado, mas a escola da vida o ensinou a ser um grande pai: amoroso, respeitador, exigente, sério e risonho, uma figura singular; me deixa orgulhoso de ser seu filho e que todo dia está em nossas orações

Minha mãe, Cícera Nicácio Souto, tem origem semelhante a do meu pai. Meu avô é o que mais tenho contato, ele se chama: José Sebastião Nicácio e minha avó (in memorian) é Olindina Domingos que não tive a oportunidade de conhecê-la. Eles partem da zona rural e também praticavam agricultura desde cedo. Herança essa dada a minha genitora, que além de fazer os afazeres de casa (principalmente quando minha avó adoeceu e acabou em óbito) tinha que ajudar na roça plantando cana, feijão, milho, fava, dentre outros.

---

<sup>1</sup> Esta cidade está situada no brejo paraibano, a 618 metro acima do nível do mar, dista 120 km para a Capital, João Pessoa, foi a primeira cidade a abolir a escravidão neste estado, dentre algumas figuras consideradas importantes, e que nasceram em solo areiense, por contribuírem localmente, no estado ou país, destacam-se: Pedro Américo, José Américo de Almeida, Álvaro Machado, dentre outros. Dona de um patrimônio histórico preservado nacionalmente, hoje é atração aos turistas de várias localidades. Ver: <http://areia.pb.gov.br/index.php?pg=historia>. Acesso: 11/11/2011.

<sup>2</sup> Do casamento de meu pai com sua primeira esposa, dona Severina Cardoso Souto, foram gerados cinco filhos, sendo quatro mulheres e um homem. Atualmente todos esses irmãos são casados, cada um tem sua família. A história de minha mãe com meu pai surge a partir do falecimento de sua primeira esposa. Vale registrar que estes irmãos até hoje conviveram harmoniosamente conosco, dentro dos limites que são postos na relação entre irmãos. São eles: M<sup>a</sup> Lúcia, M<sup>a</sup> do Socorro, M<sup>a</sup> de Fátima, M<sup>a</sup> Crizete e José Cardoso, em nome da primeira, gostaria de abraçá-los e expressar minha gratidão.

<sup>3</sup> Sua esposa, minha avó paterna, chamava-se Rita Ângela Cavalcante Souto. Para registro, não cheguei a conhecê-los, o que estou citando faz parte da memória dos filhos mais velhos e de minha mãe que já ouviu falar a partir dos relatos de minhas tias irmãs de meu pai, também já falecidas.

Assim, minha progenitora não teve sequer contato com a escola; hoje com 55 anos de idade ela tenta aprender a ler e a escrever. Também teve que aprender com a vida, e a mesma a tornou singular: protetora, simpática como poucas ou talvez nenhuma pessoa que conheço, séria, porém o riso se faz muito mais presente no seu cotidiano, nos dá muito orgulho ter sido gerado de seu ventre.

Mesmo tendo partido de um tronco pouco conhecedor das letras, meus pais foram (e, minha mãe continua sendo) fundamentais na minha vida escolar, não só na minha, pois boa parte de meus irmãos estudaram, e os que não chegaram ao nível superior foi por sua decisão e não por falta de apoio e incentivo dos mesmos. Dos oito <sup>4</sup> irmãos de pai e mãe três possuem graduação, eu e minha irmã mais nova também estamos nesse intuito. Os outros por ditames da vida preferiram trabalhar. E curiosamente, através dos desígnios divinos, os que continuaram a estudar enveredaram pelos campos da educação, seja nas exatas, seja nas humanas.

## **PRIMEIROS CONTATOS: A EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA**

Meus primeiros contatos com a escola foi na Creche Estadual que ficava sob responsabilidade da Escola Estadual Carlota Barreira. Nela fiz os primeiros traços, pintei, desenhei, na visão imagética daqueles que me viam dancei quadrilha, vale ressaltar que talvez algo tenha me acontecido no dia da apresentação, pois esta foi a primeira e a única vez que dancei quadrilha, mesmo adorando, ainda hoje, assisti-la. Lembro-me das filas para a merenda da organização que havia na escola, os horários e funcionários exigindo certa ordem, que era burlada pelas traquinagens minhas e dos meus colegas que em parte ainda hoje são meus amigos, sempre importantes na minha formação.

Após a creche, fiz da primeira a quarta série, hoje segundo ano ao quinto ano, na escola Carlota Barreira,<sup>5</sup> lugar de extrema rigidez disciplinar por parte dos professores e da sua direção <sup>6</sup>. A diretora, dona Avany Ribeiro Queiroz tinha pulso firme com os alunos e com os funcionários, exigia estar na hora certa, ir com a farda, de tênis, estar

<sup>4</sup> Meus irmãos são: Edvanda, Gilberto, Ademar, Ademir, Gilvan, José e Juliana Nicácio Souto.

<sup>5</sup> A escola possui este nome pelo fato de que essa nomenclatura é da mãe do Pe. Rui Barreira Vieira, que dentre várias realizações, nos seus 47 anos de paróquia, foi o fundador da escola, e por ter um carinho especial para com sua mãe resolveu nomeá-la assim.

<sup>6</sup> Me recordo, que uma vez não tivemos uma aula e estávamos fazendo barulho, a diretora chegou na sala e perguntou se não tínhamos o que estudar, a maioria da turma, exceto Fátima, disse que não tinha, ela foi e marcou uma reunião com os professores para saber o porque de não ter o que os alunos fazerem na escola. Os professores ficaram chateados conosco porque suponho que levaram um carão imenso dela.

limpo. No início de cada manhã, ouvíamos sempre a música de Pe. Zezinho chamada: “Oração pela Família” que era transmitida pelas ondas radiofônicas da escola e chegava a todas as salas. No mês da pátria, no início das manhãs a música, era trocada pelo hasteamento da bandeira do Brasil, íamos todos da primeira série ao terceiro ano, cantar na postura correta o hino. Quando cursava a oitava série, hoje nono ano, a escola desfilou com 3014 alunos, um recorde e um sucesso também. Todos eram quase que “obrigados” a desfilar.

Tinha professores, bons e maus do ponto de vista do ensino, dentre estes tinha uma professora, cujo nome é Sandra, que era um exemplo de parceria com os alunos, alegre, participativa no que a escola precisava, dinâmica, foi muito legal, hoje dou aula a um filho dela o que me deixa orgulhoso e tenho certeza que ela também fica, pois sou fruto de um legado que ela deixou. Todavia, nem tudo são flores, tive uma professora de história que era simplesmente uma chatice de corpo e alma. Ela mesma dizia que quando ela estivesse de vermelho ninguém nem olhasse para ela. Espero nunca ser um profissional frustrado como ela aparentava ser.

Durante este período que fiquei nesta escola e numa outra posteriormente, bem como na universidade, só fiz uma final, de matemática, na quinta série, hoje sexto ano, minha mãe quase surtou quando soube que eu ia fazer uma final e poderia ser reprovado, para ela tinha que estudar, e foi o que eu fiz, estudei e consegui tirar uma nota superior ao que precisava. Um detalhe importante é que quando a professora foi substituída no quarto bimestre, alcancei notas muito altas, ou seja, ela teve uma “culpa” considerável para eu chegar ao extremo de uma final. Cheguei a trabalhar com ela numa mesma escola, e ao que tudo indica, ela não mudou nada.

Fiz grandes amigos neste período de Carlota Barreira: Fábio, Paulo Rodrigo, Delony, Leandro, Astênia, Fabiana, Edilma, Danielle... são alguns dos quais nesta época estávamos mais juntos falando de futebol, mexendo com as meninas, num sentido de brincar, enfim curtindo um período de adolescente de forma intensa, mas respeitadora. É sintomático e vale destacar que dentre esses e outros o que mais era próximo a mim era Paulo, que é ainda hoje mesmo distante (trabalhando em Minas Gerais) um irmão, parceiro de vários trabalhos até o ensino médio, na verdade eu não lembro de um trabalho feito do Carlota Barreira até o Ministro José Américo de Almeida, onde fiz o meu ensino médio, que ele não estivesse no meu grupo.

No ano de 2001, tive uma notícia que não gostei nenhum pouco, existiu a idéia de que o Carlota Barreira seria apenas para o ensino fundamental até o oitavo ano e que nós que íamos fazer a oitava série em 2002, tínhamos que ir para outra escola, Ministro José Américo de Almeida,<sup>7</sup> da qual olhávamos com maus olhos, pois essas escolas eram rivais, tanto no ensino quanto nos desfiles de suas bandas musicais no 7 de setembro. Além disso, eles possuíam uma direção muito arbitrária, pelo menos era o que se dizia, e num primeiro momento se mostrou ser. E ainda, tínhamos medo da recepção e de separar nossa turma que era muito boa.

Sem muita escolha, migrei para esta escola. No primeiro discurso da diretora fomos chamados de “terroristas”, e que segundo ela teria a solução na caneta para assinar a suspensão dos terroristas, o pior de tudo é que nunca fui um aluno complicado, mais depois disso, esse ano foi o que mais me comportei mal, fui chamado de algo que não era nem de longe, feriu meu ego, nunca se quer minha mãe foi chamada na escola, e no primeiro dia de aula sou logo chamado de “terrorista”, pois ela não disse alguns, ela disse no geral.

Então, como forma de ir subverter aquela fala, me comportei mal, conversava, brincava, essa era a única forma de ir de encontro ao que ela disse, mas eu sempre estudava em casa. Eu não me comportava nem de longe semelhante a outros membros da turma, mas para mim estava mal comportado. Passei a discutir com chefe de disciplina; não o respeitava porque ele mandava demais. Hoje é meu amigo. Essa turma foi por duas vezes suspensa por completo.

Eu era fiscalizado. Minha mãe mandava Edvanda olhar meus cadernos e notas desde os tempos de Carlota. Ela fazia, mas não encontravam grandes problemas. Lembro que foi ela quem me ensinou a medir com o dedo um parágrafo. Dizia ela que um parágrafo media um dedo e meio, e assim, fazia e deu sempre certo.

---

<sup>7</sup> Nome dado em agradecimento ao areiense, José Américo de Almeida, que foi formado em Direito (bacharelado) no ano de 1908, ocupou diversos cargos de importância do governo federal, participou da revolução de 1930, foi nomeado interventor do Estado da Paraíba, se tornou chefe do Governo Provisório do Norte até a posse de Getúlio Vargas na Presidência. Deputado Federal, Senador, presidente da UDN, Governado eleito pela Paraíba, e foi membro da Academia Brasileira de Letras como um grande escritor que o é. Quando foi ministro no governo Vargas trouxe para Areia a Escola de Agronomia do Nordeste, hoje Universidade Federal da Paraíba. Ver: ALMEIDA, José Américo. **Memórias: antes que eu me esqueça**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

## MOVIMENTOS FORMATIVOS E EDUCAÇÃO NO NÍVEL MÉDIO

No ano seguinte iniciava o ensino médio, era 2002. A minha mentalidade já mudou, esqueci este lado de menino travesso, o objetivo vislumbrava o vestibular. Duas coisas foram decisivas nesta mudança: a primeira, o contato com a Juventude Franciscana (JUFRA), e minha entrada no Grupo de Tradições Folclóricas “Moenda”. Eu não poderia ser um jovem franciscano secular que me comportasse mal, e nem me foi dito isso na JUFRA, só que eu pensava assim. Só hoje, percebo o quando a Juventude Franciscana foi determinante para que eu abraçasse o meu tema de pesquisa e também minha forma de lidar com o outro.

E no grupo folclórico, fui convidado por Joselmo, diretor do mesmo, e os membros eram mais velhos (queria impressionar as meninas do grupo) e não poderia me comportar, como um menino desvairado que nunca havia sido, mas que durante o ano passado, havia sido em alguns momentos. Esses dois movimentos me ajudaram a expor minhas opiniões, deixar de lado, minha parte tímida que era maior do que hoje em dia. Isso ajudou muito no desenvolvimento de meu intelecto.

Dos professores que se destacaram neste período e que gostaria de me assemelhar sempre enquanto profissional, cabe destacar dois: o primeiro o de português, chamado Alcione, ele esteve muito presente mesmo quando era vice diretor; enquanto professor me ajudou, corrigiu meus erros, me indicou caminhos a perseguir na escrita, não sei se aprendi bem, mais não foi falta de alguém que me ajudasse, bom exemplo de profissional e amigo. A segunda é uma professora de História, Edilene Cardoso, ela é o primeiro passo para a escolha do meu curso. Sua forma de tratar os alunos, suas aulas, seu interesse em dar o melhor de si, me cativou e traduz um profissional que pretendo ser daqui para frente.

Fiz uma imensidão de amigos e este consiste ser o principal legado deixado por esta escola na minha vida, os funcionários ainda lembram-se de mim (como percebi no exercício da prática de ensino e no dia a dia da cidade quando encontro alguém), os professores, inclusive alguns se tornaram meus amigos e já trabalho junto com alguns deles. Os amigos de sempre se juntaram a outros, Armando, Anderson André, Rosângela, Kalberta, Jaqueline, Andréia, Karla Vanessa, Karla, Rosane, dentre outros; No terceiro ano era o tesoureiro da turma, fizemos uma festa, uma viagem para Natal e tivemos ainda uma placa que foi doada.



Estudei muito no ensino médio, porém em 2005 não passei no vestibular, não sei o que houve, se nervosismo ou o fato de que pessoas de minha família passaram e eu tinha que passar também, não sei. Fiquei muito triste porque vi pessoas passando que não estudavam e passaram. No ano seguinte, em 24 de fevereiro de 2006, tive a notícia mais triste de minha vida, meu pai aos 84 anos de idade falecera após seu banho matinal, o desespero tomou conta de mim e dos familiares, era basilar em nossa casa, tudo girava ao seu redor, ficamos como se tivéssemos perdido o teto; gostava muito dele e nele me inspiro ainda hoje em algumas atitudes. O sonho dele em vida era que eu fosse um doutor, sempre me dizia isso: “meu filho vai ser um doutor”... infelizmente, ele não pode ver isso, mas tenho certeza de que onde ele está me ajuda a trilhar a minha vida e quem sabe um dia não realizo seu sonho.

## **APROVAÇÃO NO VESTIBULAR E VIVÊNCIAS ACADÊMICAS**

Passei 2006 estudando num pré-vestibular chamado “Vésper”, na minha cidade. Dessa vez deu certo, fui aprovado na Universidade Estadual da Paraíba, para o campus de Guarabira onde cursei um semestre para ter experiência de universidade. Morava na casa de minha irmã Edvanda e voltava toda sexta-feira para Areia, lá pegava carona para ir para universidade, fiz amigos de Mulungu, Sapé, Santa Rita, Guarabira, Araçagi, Caiçara e Irecê (BA); pessoas que mesmo distante atualmente, naquele momento foram cruciais na minha vida e me propiciaram boas risadas; e, na Universidade Federal em Campina Grande onde após certo “estágio” em Guarabira, imaginava estudar a noite e trabalhar pela manhã e tarde, pois nunca gostei muito de depender das rendas de minha mãe, principalmente depois da morte de meu pai.

Fui motivado por fazer história a partir das aulas da professora de história Edilene, pelas suas aulas, seu carinho e atenção. História me oferecia à impressão de conhecimento, de saber muito sobre as coisas, os fatos, os acontecimentos, eu achava bonito ver um historiador falando porque transmitia certa prática cognoscível. E o fato das pessoas falarem que o curso de História da Federal era um dos melhores da Universidade, favoreceu grandemente minha escolha, sabia que ia me tornar um conhecedor de tudo. O professor deveria ser a criatura que teria explicação para todos os fenômenos, coisa boba.

Obviamente, este anseio não foi suprido, ninguém sabe de tudo, e aqueles fatos, acontecimentos, que tanto me causava preocupações foram suprimidos no primeiro dia

de aula, disciplina: Introdução dos Estudos da História, e o famoso dizer: esqueça tudo que você aprendeu sobre história! Trágico. Para quem imaginava saber de tudo no mundo. Mas, eu não desisti e hoje estou prestes a concluir minha graduação, não sei de tudo, aliás descobri que ninguém sabe, mas aprendi a olhar àqueles fatos com um olhar novo, mais crítico, estou saindo como um novo sujeito, pois como nos lembra o filósofo grego da antiguidade, Heráclito de Éfeso, ninguém se banha num mesmo rio duas vezes, pois nem o rio nem você serão os mesmos. Principalmente, concluindo uma parte inicial em História.

Pensava que a história seguia certa linearidade, e que nesta os fatos iam se sucedendo sem muita conexão, como se estivessem suspensos no ar do tempo. Na história eu precisaria memorizar muita coisa, datas, nomes importantes, fatos mirabolantes. Um docente que se preze, antes de cursar, história, para mim era aquele que teria o máximo de informações, sua docência exigiria o domínio pleno de todas as suas capacidades memorialísticas, coisa que me amedrontava, pois não sou um homem de boa memória.

Entrando no curso, vi que se eu fosse reproduzir tudo aquilo que lia, ficaria louco no primeiro semestre, devido a quantidade de textos e o fato de que a reprodução não era aceita pelos professores. Não tinha lido muito na época do ensino médio, porém fui tentando buscar ler e compreender o que era lido, e colocava nas provas minhas impressões da aula (aquilo que eu ouvia dos professores e alunos) e da leitura que eu realizava antes da aula ministrada, fato inerente apenas ao primeiro período quando não trabalhava, depois que comecei a trabalhar as leituras passaram a ser mediante o tempo, ora conseguia este feito, ora lia apenas para as provas e/ou atividades.

O primeiro contato que mantive com o meio acadêmico se deu em janeiro de 2007, na UEPB de Guarabira. A disposição das salas de aula não destoavam tanto daquela que tive no ensino médio, pois ainda eram os professores que iam até as salas e nós ficávamos numa sala única, só na expectativa da chegada de um novo professor. Um aluno tentou passar um trote se passando por professor da instituição, a maioria, inclusive eu, estava ouvindo-o atentamente, porém um colega de sala acabou entregando o jogo, e atividade que ele passou e nós já íamos começar a fazer foi deixada de lado. Foi fortuito o período que lá estive.

Por ter possuído esta experiência na Universidade Estadual, não fui no primeiro dia para a primeira aula na UFCG, não queria correr o risco de “pagar outro mico”. Mas, quando cheguei nesta instituição foi totalmente diferente de tudo que eu tinha tido acesso em termos de educação. Tudo macro, salas de aula, blocos, ida de sala em sala para as aulas, não mais ficava esperando o professor chegar, este ato parece simples mais traz consigo a idéia de que somos nós quem devemos buscar o conhecimento, e não ficar aguardando.

Em relação aos professores tinha a impressão inicial de serem super humanos, a linguagem por eles anunciada nem de longe entendia, me sentia mal por ouvir alguém falar português e não conseguir compreender a linguagem rebuscada. Sempre achei que não conseguiria falar daquele jeito, com termos complicados; como as coisas mudam, as vezes tenho que utilizar sinônimos para meus alunos me compreenderem, o que obviamente não implica que tenha o linguajar deles, com a mesma profusão de símbolos lingüísticos. Os professores são doutores eu apenas um graduando em fase de conclusão; é normal seus processos de usos e desusos que a língua oferece sejam mais eficazes que os meus.

Tudo estranho. Pessoas, pequenas lanchonetes, copiadoras, instalações, praças, enfim, um ambiente desconhecido que seria posteriormente desbravado por seu mais novo colonizador, Pedro Nicácio Souto. Pela primeira vez na vida vi um africano de perto e percebi o quanto o ser humano foi desumano a partir das atrocidades cometidas a fim da efetivação de um projeto imperialista que nomeava os civilizados, e escamoteava os “incivilizados”.

Mundo social, econômico, cultural totalmente diferente do meu, não imaginava tamanha diferenciação. Pessoas que enxergaram e enxergam os universitários por aquilo que eles possuíam, tive que adotar uma postura amenizadora dessa relação tensa, pois como tive desde os quinze anos uma formação franciscana, não poderia ver os outros como objetos rentáveis, e sim como pessoas, com capacidades semelhantes as minhas. Obviamente eu não conseguir fazer com que todos mudassem seus pensamentos, seria utopia isso, todavia no meu ambiente propus sempre um espaço de sociabilidades amigável, sem levar em consideração o ter.

Do ponto de vista da história, o primeiro trauma foi quando um professor pediu que eu esquecesse tudo que já ouvira falar sobre história. Quebrasse a linearidade, não

pensasse que ali estaria um conhecimento pronto e acabado, portanto verdadeiro. Eu imaginava que a objetividade era possível na medida em que se narrava ou mesma presenciava um fato. Hoje vejo que a verdade não é apresentada pelo historiador, quando no máximo ele/ela só oferece uma versão do que se passou, que pode ser questionada e entendida de outra forma. A autoridade do homem do conhecimento foi gradativamente perdendo espaço no meu pensamento. Então, essas concepções foram alteradas durante o tempo.

Em meio a estes traumas e impressões iniciáticos, não poderia deixar de destacar a importância da nossa turma na superação dos mesmos. Parece besteira, mas minha turma era ao mesmo tempo heterogênea e homogênea. Heterogênea do ponto de vista de que existiram pessoas diferentes, com educação diferente, costumes e gestos díspares, porém sempre estamos juntos. Havia negro, gordo, magro, revolucionário, “patricinha”, mas essas diferenciações nunca foram maiores do que nossa união incomum para o ambiente; são muitos os professores que atestam para essa realidade.

Possivelmente não haverá turma igual a nossa, unidos em todos os momentos. Vivendo experiências traumáticas, como a de fazer uma prova de “Teoria da História” ouvindo DVD de Iron Maiden, esta foi aplicada pelo monitor da disciplina que seguia os trâmites egocêntricos que giram em torno da UFCG. Todavia, essas experienciais não destruíram o nosso sentimento de união que muitos de outros períodos, no início, contestavam dizendo que seria apenas um período ou que não passaria do terceiro, erraram!

Com meus amigos eu pulei, joguei futebol, fui a festas fantásticas, viagens inesquecíveis, dancei, sorri e até cantei, e, além disso, chorei. Na verdade, choramos. Um de nossos parceiros o Ítalo Vinícius foi brutalmente assassinado em fevereiro de 2011, se estivesse vivo estaria possivelmente contando suas memórias na prática de ensino, pois seu objetivo era terminar este ano. Este fato demonstra uma sociedade impecável quando o objetivo é destruir os sonhos de alguém tão esforçado e batalhador como ele era. Isto constitui um trauma que não gostaria de levar, nem de relatar, mas deve constar nas minhas memórias e ser edificado no meu memorial.

Algumas pessoas <sup>8</sup> foram fulcrais na UFCG para com o meu desenvolvimento enquanto historiador. O meu grupo, Leonardo, Janderlan, Carlos Eduardo <sup>9</sup>, Ítalo (in memorian), às vezes Lucas, João, Vinícius Morato. Na verdade, alterava a participação de um ou outro, mas Leonardo e Janderlan sempre fizeram trabalhos comigo, o primeiro mora em Areia, e este fato nos aproximou desde o início, a primeira prova que foi feita era em dupla e fomos nós quem a fizemos, a disciplina foi, Geografia Humana, ministrada por Lincon, e assim se sucedeu a jornada de trabalhos; o segundo, gente boníssima se aproximou de nós rapidamente por ser amigável ao extremo. Hoje a relação que mantenho com os dois, e com os outros é fraternal, mesmo os afazeres cotidianos não permitindo tanto contato como outrora. Quando há respeito às diferenças podemos ter e ser grandes amigos para todas as horas.

Certa vez nos juntamos na casa de Carlos Eduardo para fazer um trabalho, na sexta-feira à noite para a disciplina Economia Política, ministrada por um professor de economia chamado Donato. Passamos a madrugada inteira em frente a um computador escrevendo o trabalho. O dono da casa para nos agradar foi elaborar um lanche, começou assim que chegamos em sua casa terminou de duas horas da manhã, estávamos mortos de fome, o cardápio foi um cuscuz, com um monte de coisa dentro, que ficou muito bom.

O mais divertido dessa experiência é que num dado momento, para despertar, o Eduardo (Dalai Lama, como era por nós conhecido) resolveu fazer um monte de exercícios físicos para despertar, e continuar trabalhando, e Janderlan fez o mesmo demonstrando serem atletas. Ao fim, amanheceu e fomos todos pegar o ônibus para ir embora, e Dalai ia para sua terra natal, Serra Branca –PB, detalhe: ele, nesse ínterim, deitou na cama, após os exercícios, só fez vestir o casaco e foi embora, ou seja, nem banho teve coragem de tomar.

Tive também, grandes amigas, Izabelle, Elizabeth, Priscila, Susane, Débora, M<sup>a</sup> Aniquely, Ana Cláudia, Idarlíane, Nilma, Eliana, Patrícia, Sara, Silvonete, Janaína... Pessoas que estiveram muito presentes no meu ambiente acadêmico, me ajudaram quando necessário, rimos muito juntos, com várias histórias por nós contadas, piadas,

---

<sup>8</sup> Me desculpem os que eu não citar. Mas certamente tenham certeza de que moram no meu coração também e tenham certeza disso.

<sup>9</sup> Carlos Eduardo atualmente está cursando história na Universidade Federal Fluminense, deixou o curso de história de Campina Grande em virtude de uma viagem ao Rio de Janeiro onde hoje trabalha e estuda.

momentos em festas de pura descontração, mas também quando o assunto era sério ou quando discutimos sobre algum aspecto das aulas, teóricos ou um texto de difícil compreensão, sempre estivemos de braços dados.

Todas essas pessoas e outras que acabei conhecendo e não era de nossa turma foram fundamentais para que eu pudesse estar no processo de conclusão de minha monografia e de meu curso. Mesmo que às vezes só em dar um exemplo em sala de aula, ou de me ouvir num momento triste, como o fez Aliandra, já contribuíram para comigo, e sempre serei grato, na certeza de que, pelo menos uma vez na vida eu possa ter retribuído. Lembrando que estes são amigos para sempre, e espero profundamente que não sejam apenas de curso, pois foram e são para toda hora.

Do ponto de vista historiográfico, nunca fui adepto de seguir um paradigma como o sustentáculo de minha vida acadêmica, pelo contrário. Li o máximo possível o que me era indicado nos textos das disciplinas. Tive a oportunidade de ler parte de “O Capital” de Karl Marx, que propunha uma estrutura de base econômica como preponderante na construção da história, mas também li um pós-estruturalista como Foucault, e nem por isso tornei minha vida baseada na deles. Aprendi que os teóricos servem de ponte para uma escrita da história, serve para fazermos uso, e não para serem a nossa vida. O preconceito com leituras fecha a porta para o conhecimento, portanto procurei ler tudo e extrair o que havia de bom, a partir de minhas leituras e também das opiniões dos amigos.

Tive leituras muito complicadas, de difícil compreensão, mais que com o diálogo com os amigos esses problemas foram sendo supridos. Tive aulas simplesmente detestáveis, que acredito nem o próprio professor re-leu o texto para ministrar a aula, por exemplo, numa aula o professor escreveu o nome de uma disciplina, sendo aula de outra. Ou ainda, certa vez o docente afirmou que ia começar falando sobre o autor do texto, lembro bem que coloquei no caderno: “Autor do texto”, até hoje ele nunca falou desse autor, ele conseguiu articular e falar sobre mais de dez autores, mas do autor do texto, não.

Normalmente sou muito comunicativo e essa característica atual deveu-se muito a JUFRA, ao Grupo Folclórico e as Universidades. Na UFCG, em especial, as conversas foram importantes na minha formação intelectual enquanto historiador. Um exemplo

nítido disso é que meu tema de pesquisa <sup>10</sup> surgiu de uma conversa informal, numa festa da turma, com o meu atual orientador, que no momento era apenas um grande amigo, Antônio Clarindo. Ali foi o ponto de partida, no ano seguinte iniciamos a pesquisa. E atualmente, além de ser um grande amigo é meu orientador. Então, as relações amigáveis que foram se estabelecendo com amigos, professores ou alunos, tem um destaque fundamental no meu conhecimento histórico.

### **INDO A UFCG...**

Como mencionado, sou da cidade de Areia e curso uma universidade localizada a mais ou menos 45 km de distância, em Campina Grande. Esse trajeto por mim percorrido advém graças ao ônibus da Prefeitura Municipal de minha cidade, a partir dele posso ir e voltar com certa tranquilidade. Neste espaço de sociabilidades aprendi muito, com pessoas, mesmo que de áreas distintas; aumentei o grau de amizade com os que já conhecia e com outros que conheci a partir de novas viagens a universidade. Um exemplo disso foi recentemente quando fizemos uma tradução equivocada, e pedimos para um amigo nosso (Wanderson Vagner) fazer a tradução vindo para UFCG, no caminho fazendo a leitura ele percebeu que eu e Léo tínhamos nos equivocado, e que o sentido que nós iríamos apresentar estava errado, ou seja, tivemos que mudar a forma de apresentação da charge para a disciplina de inglês durante a viagem, e deu certo.

Sofri muito nele também. Em 2009, eu trabalhava <sup>11</sup> de manhã e a tarde, na sexta-feira eu tinha seis aulas de manhã e cinco a tarde, vinha direto para a universidade, cansado ao extremo o espaço de brincadeira e divertimentos cedeu lugar ao do sossego. Do sono a ser terminado, da leitura a ser terminada, do estudo para a prova que estava próxima ou em cima da hora. Fiquei triste quando neste ano voltávamos para nossa cidade e fomos surpreendidos com um grave acidente de motocicleta, onde numa ultrapassagem equivocada o motociclista chocou-se com o

---

<sup>10</sup> Meu tema: “A cidade de Areia ao “inverso”: a vida dos trabalhadores dos engenhos atuais.” Esse tema foi rapidamente aceito e posteriormente lapidado por mim, e devo muito a juventude franciscana, se observarmos bem, o próprio tema parece ser muito franciscano e historiográfico, não é falar daqueles que eram vislumbrados na história, mas quero falar dos que não foram escritos na história, e quando foram, acabaram sendo parcialmente citados em minha cidade.

<sup>11</sup> Comecei a trabalhar na escola Carlota Barreira ministrando a disciplina “Formação Religiosa” no ano de 2008, no ano seguinte, fui convidado para ministrar aulas no Sistema Educacional Areiense que é uma escola privada no município de Areia, com a disciplina de “História”. Vi que estar em duas escolas e ainda ser universitário não dava, e em 2010, preferi deixar a escola estadual, não por questões financeiras, mas por não ministrar a disciplina que estudava e também para não ser omissos em nenhum dos estabelecimentos; atualmente estou apenas na escola privada já mencionada.

ônibus da cidade de Cuité – PB; chegamos para ver o fato e observamos o corpo que estava na estrada próximo a cidade de Alagoa Seca – PB. Ele agonizava em dores. Este foi o único acidente que presenciei no ônibus e foi muito cruel ver um “jovem” perder uma de suas pernas. Dessa forma, agradecemos e muito ao nosso motorista, seu João, pelo cuidado necessário de nos levar e nos trazer todos os dias de Campina Grande - PB.

Quando chegamos, perdemos de quinze a vinte minutos de aula coisa que nem sempre os professores entendiam; outro dia um docente que tinha o hábito de fazer a chamada logo no início da aula e no final chegou a dizer: ‘eu não preciso de ônibus’, quando nós íamos dizer que foi o transporte que atrasou. Senti-me péssimo. O egocentrismo foi ao extremo naquela fala, muito embora depois tenha existido um pedido de desculpas. Nas provas de primeira aula, chegamos atrasados, nas de segunda aula chegamos na hora, mas temos que sair mais cedo.

É dura a realidade de quem trabalha na sua cidade natal e vem estudar a noite em Campina Grande. Teve casos de não conseguir ler os textos para provas e mesmo assim me superar e tirar notas elevadas a partir da explicação dos professores. Nunca me esquecerei de um dia que não pude ler devido às atividades e tinha uma prova. Pedi para um amigo meu ir na sala, ver a prova e dar um toque para meu celular, se desse o toque era porque daria para fazer, foi o que ele fez, deu o toque e consegui a segunda maior nota da turma naquele exercício, uma realização pessoal. Todo este esforço era porque não queria fazer reposição, aliás, nunca fiz reposição, nem final, graças a Deus.

## **ATIVIDADES DE PESQUISA E EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA**

A primeira experiência com a pesquisa foi a partir de uma disciplina por mim cursada chamada Paleografia, ministrada pelo professor Dr. Luciano Mendonça, visitamos alguns acervos em João Pessoa, e em Campina Grande, especialmente no Fórum Afonso Campos. Não era nosso objeto de pesquisa, mas vi a história naqueles montes de papéis juntos, sem a organização, e sem a pretensão de serem fontes historiográficas, foi muito interessante.

Em seguida, agora já orientado, pesquisei sobre obras que tratavam dos engenhos em Areia – PB, pois era necessário fazer um mapeamento para responder uma das questões de meu trabalho: como ocorre a transição dos engenhos ditos tradicionais



para as “usinas” que produzem exacerbadamente, algo típico da modernidade? Ainda, em nosso projeto de pesquisa ficou estabelecido que outra fonte que seria necessária para nos utilizarmos eram os relatos orais de memória, e a partir deles responderemos a segunda questão que é: como vivem estes operários das usinas nos dias atuais? Assim, nossa pesquisa foi cara a cara com a fonte, num contato que foi e tem sido tenso, mas que foi muito importante para nós, e para o nosso engrandecimento intelectual.

Durante o curso participei de vários mini-cursos, palestras, fui monitor de História da África, participei do grupo de estudos: “Teoria e Metodologia da História,” ministrado por Clarindo; estive presente também no curso de extensão por ele oferecido: “Tudo que você queria saber sobre história cultural e tinha medo de perguntar a um historiador social.” Assim, na medida do possível pude exercer a pesquisa e a extensão necessários aos historiadores.

No caso da monitoria pude ser um monitor que não se via na condição de ser superior aos monitorados, talvez isso se deva pelo fato de tive uns monitores detestáveis (graças a Deus que nem todos eles eram assim, por exemplo, Gláucia e Muriel, me ajudaram bastante); pelo contrário, ajudei alguns até em disciplinas que não eram nossa responsabilidade. Destarte, fiz mais uns amigos para nossa coleção. Além disso, para minha formação intelectual foi muito importante, pois pude entender um pouco mais sobre nós, os brasileiros, pois muito do que somos devemos aos africanos e africanas que com seus saberes e fazeres contribuíram para a formação da sociedade brasileira.

O curso de extensão “Tudo que você queria saber sobre história cultural e tinha medo de perguntar a um historiador social” foi muito importante para meu desempenho de estudante prestes a se tornar um historiador; os debates propiciados acerca dos mais variados temas, a dinâmica apresentada, a conduta exigida na apresentação de textos, a linguagem acessível acerca de conceitos debatidos, que dificilmente são esmiuçados claramente em disciplinas do curso, foram uns dos itens de destaque neste grupo de estudos e de amigos que fiz parte, e foi verdadeiramente um alicerce para entender um pouco mais sobre teoria e metodologia da história.

Com relação a orientação não tenho do que me queixar até o início da escrita do meu trabalho, a partir daí por questões de tempo houve um contato entre orientador e orientando menor do que eu esperava; todavia, tenho um orientador que é amigo, parceiro, entende o tempo que tenho para exercer as atividades acadêmicas, que

contribuiu demais para com minha formação, mas é claro que não só ele <sup>12</sup>, de toda forma acabou sendo meu braço direito. Com seus risos e piadas, fez dos meus stresses algo legal e até divertido. Além disso, mostra que confia muito em mim espero que não o decepcione muito.

Um dos aspectos inerentes ao profissional da história licenciado é assumir uma sala de aula na prática de ensino. Não é fácil assumir uma turma, principalmente no meu caso, de outro professor que ficará ali observando o tempo todo. É estranho, mesmo já exercendo a profissão há algum tempo, algo em torno de quatro anos, fiquei um pouco constrangido, mas nada que impossibilitasse minha prática.

Tenho a impressão de que é fundamental movimentar a turma, achava que era só no ensino fundamental isso, mas não. O ensino médio também carece de atividades que permitam colher as capacidades do alunado. Seja a elaboração de um vídeo, por eles mesmos, dinâmica, visualização de imagens e filmes, é fundamental que os alunos se sintam agentes da aula e não apenas receptáculos de informação. O conteúdo flui melhor e conseqüentemente o aprendizado também. Não tive tantas dificuldades por já está lecionando há algum tempo, porém tenho certeza de que alguém que está certamente teve, por ser um território inóspito.

Ao mesmo tempo, nas turmas em que ministrei aulas na prática de ensino, tive alguns choques. Por exemplo, o fato de que poucos alunos se interessaram em fazer o ENEN. Exame hoje importantíssimo para a entrada dos jovens em universidades do país. Isso me causou certo estranhamento, pois quando fui aluno nesta escola (Ministro José Américo de Almeida) praticamente todos fizeram vestibular, para onde fosse possível. Será que a Universidade está deixando de ser o sonho de consumo dos brasileiros? Os brasileiros estão mais preocupados com um emprego do que com uma graduação que lhe oferecerá emprego tempos depois e às vezes nem oferece? Sinceramente, não sei. Mas, ficou esta impressão, um desânimo por parte dos alunos mesmo tendo participado das aulas.

---

<sup>12</sup> Gostaria de agradecer a todos os meus professores do CH, sem exceção. Todos em maior ou menor grau estiveram comigo, me ofereceram conhecimento, ajudaram a formar um cidadão mais crítico que enxerga a realidade com um novo olhar. De modo especial, Antônio Clarindo, José P. de S. Júnior, Iranilson Buriti, Celso Gestermeir, Luciano Mendonça, Vanderlan (Ciências Sociais), Regina Coelli, que foram pessoas que estiveram mais próximas a mim, ou ainda me inspiraram como professores, pelo empenho no seu trabalho, e sempre que necessário ofereceram seu braço amigo, muito grato a vocês.

Vivemos num momento da história de nossa sociedade em que pensar numa identidade fixa é complicado, pois vivemos nos moldando o tempo todo, tendo novas experiências e permitindo que o eu se torne passível de mudanças. Quando comecei a ministrar aulas, obviamente, não tinha o jeito de ser professor, as manhas, as maneiras de lidar com o alunado. Fui remodelando meu ofício mediante as circunstâncias, e só depois, tive acesso a elaboração de plano de aula, o como ministrar uma aula para os alunos de modo mais dinâmico, coisas que a Universidade só veio me proporcionar na parte final do curso e que deveriam permear todo o curso.

Pessoalmente, não conseguia me identificar como professor, não me sentia preparado suficiente para ser o professor dos meus sonhos, ainda hoje, não acho que seja, porém com os conhecimentos adquiridos na UFCG as aulas melhoraram consideravelmente, e agora posso dizer que continuo no caminho certo para ser um bom educador. Era um indivíduo muito quieto e passivo em algumas circunstâncias, o curso me possibilitou ser mais atuante, a opinar mais, a ter uma visão mais contundente e crítica daquilo que se propõe a analisar. Realmente a minha identidade foi consideravelmente alterada, não é possível manter-se igual ao que era antes do curso. Mas, também existem características nossas anteriores a universidade que persistiram, seguir o carisma franciscano de vida é um exemplo delas.

Hoje ao ministrar as aulas é possível articular um conceito aprendido na universidade com o conteúdo ministrado. Sinto-me mais preparado do que antes, com certa autoridade ao falar, no sentido de propriedade ao falar. Por exemplo, quando vou falar sobre o contato dos indígenas com os europeus se mostra importante trabalhar com o conceito de alteridade caro ao Todorov, sem causar danos ao aprendizado dos discentes, ao contrário só faz contribuir.

Este fato reflete nas relações sociais que estabeleço, hoje não só ouço o que dizem, problematizo, penso mais, expresso quando necessário minhas visões de mundo como alguém que não fala só para se mostrar ao outro (infelizmente existe muito isso na universidade), mas necessariamente para contribuir com o outro, por isso nem sempre falo durante as aulas ou em conversas onde concordo com a opinião que foi veiculada.

Sendo assim, minha vida acadêmica oferece páginas em branco, mais também muitas escritas. Foi assim, vindo de uma origem familiar sem muito estudo devido questões sociais que impossibilitaram meus pais de terem sido intelectuais nos termos

da educação, que cheguei até aqui. Em meio a experiências boas e ruins de escola pública, com traumas postos pela vida, afinal quem não os possui? Entrei numa universidade com um encantamento que durou o primeiro dia. Li sem preconceitos, os livros que me foram indicados.

Junto com meus amigos, que levarei comigo sempre, superei a visão de que a individualidade deve ser mais levada em conta do que a coletividade no ambiente acadêmico. Ajudar os outros nos faz aprender duas vezes. Mostramos ser diferentes e além do mais, que é possível sermos seres humanos melhores e mais solidários. Mantive um diálogo importante com meus mestres e doutores. Mudei as formas de ver o mundo, e não precisei ser ateu para ser um historiador, pois fui contestado inicialmente ao passar no vestibular. A história mostrou ser outra, e aqui para nós, bem melhor.

Agora ficam as expectativas futuras, concluir o curso, tentar mestrado, só aplicar aulas em areia e regiões próximas, abandonar os caminhos historiográficos e fazer concurso para outras profissões... são apenas possibilidades. O destino nos prega peças, e minha experiência de vida diz que é com calma que vislumbraremos o melhor a ser seguido. Todavia, minhas memórias não cansam em dizer, parafraseando Roberto Carlos, só sei que emoções eu vivi, estou por viver mais ainda e com mais intensidade.